

## **EDUCAÇÃO PARA A VIDA: DIVERSIDADE DE GÊNERO E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Eixo Temático: **EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE**

Forma de Apresentação: **RESULTADO DE PESQUISA**

Apresentador: Shirlei Alexandra Fetter<sup>1</sup>

Denise Regina Quaresma da Silva<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Apresentamos como temática central a proposta dialógica da diversidade de gênero no espaço educativo enquanto prática pedagógica. Na contemporaneidade, tem-se discutido acerca da diversidade de gênero. Conseqüentemente, as pessoas podem se identificar-se não apenas como homem ou mulher, entretanto, da melhor maneira a qual lhe representa. Os resultados encontrados evidenciam a desqualificação profissional em abordar a temática em suas atividades pedagógicas, por deixarem de exercer habilidades que antes eram essenciais à profissão: planejamento, elaboração do currículo, ensino para grupos específicos com base no conhecimento íntimo dessas pessoas, entre outras. Conclui-se que o espaço educativo, enquanto instituição de direito e capacidade de despertar as razões da existência humana, deve proporcionar ao sujeito a superação de seus anseios e medos, satisfazendo suas necessidades e aspirações.

**Palavras-chave:** Educação. Diversidade de Gênero. Atuação Profissional.

### **1 INTRODUÇÃO**

A sociedade contemporânea constitui-se, historicamente, por exclusão social. Pensar esse processo dentro da instituição de ensino nos impede, também, de pensar na composição da sociedade.

A instituição escolar foi constituída na história da humanidade enquanto espaço de socialização do conhecimento formal. O processo de educação vai além do formal, uma vez que possibilita novas formas de pensamento e de comportamento: por intermédio das artes e das ciências, o ser humano transforma sua vida e a de seus descendentes. A escola é, assim, um espaço de ampliação da experiência humana, devendo, para tanto, não se limitar às experiências pedagógicas imobilizadoras, mas buscar metodologias que disseminem e dialogam com o conhecimento contemporâneo.

Para Freire (1996), educação no Brasil tem por fetiche o social, reproduzindo a desigualdade, a marginalização e a miséria. Baseados nessas reflexões, apresentamos como objetivo a discussão em relação às identidades de gênero, com especial ênfase na teoria freiriana. Para contemplá-lo, desenvolvemos o estudo baseado na perspectiva qualitativa, a qual abrange o entendimento da ocorrência dos fatos a que o objetivo se propõe. Para isso,

---

<sup>1</sup> Coordenadora pedagógica – Doutoranda em educação – Universidade La Salle – Canoas – RS. Bolsista Capes.

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação da - Universidade La Salle – Canoas – RS.

é essencial a abordagem crítica sobre as ações afirmativas que expressam a diversidade de gênero, em específico, no ambiente educativo.

## 2 METODOLOGIA

O presente estudo apresenta características qualitativas e com viés bibliográfico, o qual objetivou analisar a produção acadêmica científica brasileira, para verificar as produções acadêmicas com estudos sobre a diversidade sexual e de gênero na ação docente.

O estudo qualitativo prioriza a compreensão da subjetividade humana e não propõe a quantificação dos comportamentos observáveis (MINAYO, 2004), sendo que a opção por esse método se justifica tanto pela natureza do dado quanto pela perspectiva teórica que respalda o trabalho.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao discorrer sobre a sociedade brasileira, em específico com a diversidade, sobretudo com aqueles que irrompem com os conceitos contemporâneos de sexo-gênero e a comunidade LGBT; a negação de acréscimo e o reconhecimento à diversidade sexual, assim como a naturalização do binarismo, quando separando dessa forma, todos vivenciam suas identidades de gênero com base em uma configuração diferente da dominante (MISKOLCI, 2012).

Ao fazer uma análise da sociedade, busca-se apresentar que a concepção contemporânea de educação está diretamente relacionada ao meio social. Todo ser humano recebe as influências do seu meio, do qual fazem parte as concepções, valores e juízos. A partir destes princípios cada ser humano elabora suas concepções específicas.

No Brasil, a hegemonia religiosa cristã fundamenta a heteronormalidade, reprimindo a diversidade sexual. Muito se tem discutido, recentemente, acerca da diversidade sexual, quanto a isso, vale ressaltar que a homofobia nasce do preconceito contra aquela. Desta forma, a heterossexualidade é concebida como o natural e, com isso, exclui o reconhecimento à sexualidade de estudantes lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais - LGBTs e faz com que a diversidade sexual seja um tema excluído, além do currículo, também do gerenciamento pedagógico.

Considerando esta premissa, Miskolci (2012) teoriza os desafios de uma educação voltada ao reconhecimento e a diferença da diversidade sexual em sua pluralidade. Segundo o autor, a dificuldade vem ao encontro dos educadores, uma vez que partem do pressuposto de que o “ato de educar” é neutro. De encontro, Freire (1996) ressalta que educar é um ato político e a educação não é neutra. Omitir a dimensão pedagógica da prática docente é o mesmo que institucionalizar o preconceito.

Não raro, toma-se de conhecimento que a instituição escolar é, também, influenciada pelos mais diversos valores sociais e, por vezes, institucionaliza o discurso normativo dentro da sala de aula. Assim, o silenciamento escolar, por meio de práticas, contribui para o preconceito. A escola é o espaço em que as diferenças e pluralidades de pensamentos dialogam.

*Levando-se em consideração os aspectos já mencionados, apresenta-se a identidade de gênero como conceito que define o modo como o ser se identifica (LOURO, 2008). Sua*

identidade consiste em seu gênero, o qual representa como a pessoa se reconhece: masculino ou feminino, um e outro ou inexistente. O que delibera a identidade de gênero, de acordo com os conceitos de Louro (2008), é o modo pelo qual a pessoa se compreende, assim como a disposição que a mesma apresenta em ser verificada pelas outras pessoas.

*Em virtude das dimensões intrínsecas* ao gênero, a sexualidade está inserida na condição humana, na existência prática e concreta, segundo Nunes; Silva (2000), é a manifestação inerente a todos e a cada ser humano em particular. No sentido de explicitar a tríade sexo-gênero-sexualidade, além de ser inerente ao contexto familiar, ela também pertencente ao campo político e social, pois é “[...] ‘aprendida’, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos” (LOURO, 1999, p. 11).

Pode-se mencionar, por exemplo, que os conceitos de gênero e identidades de gênero são mecanismos socioculturais propagados por percursos a disposição nas diversas esferas de atividade humana. Acredita-se que para falar sobre gênero se faz necessário fazer uma descrição sobre o tema a partir da contextualização (MEYER, 2003).

Pensar excessivamente acerca das dificuldades que a sociedade brasileira apresenta em apropriar-se dos conceitos de diversidade, sobretudo com aqueles que interferem como “modelos” padronizados de sexo e gênero. Deste modo, a comunidade LGBT passa por preconceitos e discriminações provenientes das características histórica/cultural. Neste sentido, as questões de gênero podem ser interpretadas como uma celebração do preconceito, da discriminação e do sentimento de intolerância pelos quais as a comunidade LGBT tem enfrentado.

## CONCLUSÃO

Para tanto a instituição de ensino - de modo especial - a educação em sua condição de completude, apresenta-se como ferramenta para que se constitua a nossa sociedade que, ao mesmo tempo em que contribui para manter e reproduzir as desigualdades entre os gêneros, também componham um importante mecanismo de mudança de aproximação a uma condição mais igualitária entre homens e mulheres.

Acredita-se na educação disposta a assegurar a diversidade humana necessita de exercícios, tolerância e respeito ao convívio com a diversidade, isso, remete a olhar o outro com olhos de sensibilidade e disposição de alteridade.

Entendemos que as relações de gênero - incluídas no currículo da escola - são fundamentais, buscando contribuir para a promoção da igualdade, na medida em que promovem o respeito à diversidade.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 07-34.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e prática. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**. 3. ed. São Paulo: Editora Hucitec; 2004.

MISKOLCI, Richard. Teoria Queer: Um aprendizado pelas diferenças **2012. Série Cadernos da Diversidade: V. 6**. Belo Horizonte: Autêntica.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas: Autores Associados, 2000.